



beautiful.

/ˈbju:tɪfʊl,-f(ə)l/

adjective

pleasing the senses or mind aesthetically OR of a very high standard; excellent.

IAU0964 ESTÉTICA II

3º ANO - 6º PERÍODO

Prof. Ruy Sardinha

Clara María Machado Oliver USP No.: 14090821

O momento em que a Arte com capital A começou a ser nomeada, no início do século XIX, foi também o momento em que a reprodução, a arte industrial e a indústria literária começaram a se desenvolver, o momento em que as obras de arte começaram a se tornar comuns em objetos comerciais e decorações no mundo profano, o momento também em que objetos do mundo comum começaram a cruzar a fronteira na direção oposta para produzir novas possibilidades de distanciamento artístico da própria proximidade e da mistura de arte e coisas mundanas. A mistura é consubstancial ao regime estético da arte. O que está sendo questionado hoje é a natureza desta mistura. Não é a perda da arte nos objetos e obras do mundo. É, sobretudo, a perda do sentido da ficção, a tendência a anular a incisividade do encontro heterogêneo, seja para transformá-lo na fórmula de um jogo cuja virtude política, sempre pressuposta, se torna indecidível, seja em puro testemunho da realidade, ou mesmo em uma intervenção direta nesta realidade.

A questão é como a arte se posiciona em relação ao conceito de arte moderna. Estamos diante de outro conceito de arte?

A modernidade é a crença na liberdade do ser humano - natural e inalienável, segundo muitos filósofos da época - assim como na capacidade do homem para a razão, combinada com a inteligibilidade e acessibilidade do mundo à razão humana. A maioria dos estudiosos concorda que a modernidade começou a tomar forma após três grandes eventos de significado histórico: a descoberta da América, a Renascença e a Reforma, todos os três ocorridos por volta de 1500.

Vários críticos, historiadores e filósofos abordam esta questão:

-Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que nos promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de nós mesmos e do mundo, e ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos" (Berman).

-O esclarecimento é o caráter emancipatório pelo qual o homem emerge da tutela pela qual ele mesmo é responsável" (Kant).

-Modernidade é uma época que se define a si mesma ao tomar consciência de si mesma, de sua novidade. Ela rompe, à sua maneira, com o continuum histórico e, em particular, rompe com a noção de tradição como fonte obrigatória do que deve ser belo (Hegel).

-Na modernidade havia duas versões principais da narrativa legitimadora: a emancipatória e a especulativa, uma mais política, a outra mais filosófica, ambas de grande importância na história moderna, particularmente na história do conhecimento e de suas instituições" (Lyotard).

-Modernidade é caracterizada pelo fato de que a história do pensamento é vista como um esclarecimento progressivo. Pouco a pouco, as etapas anteriores são ultrapassadas. Cada pensador, cada nova corrente de pensamento, acredita ter encontrado o autêntico "verdade" sobre o ser humano (Gianni Vattimo).

-Modernidade significava abordar processos envolvendo a racionalização da vida, estruturas de dominação e poder, tipos de autoridade racional e sua legitimação" (Weber).

Fabbrini coloca nas palavras de Jacques Rancière, que a modernidade é entendida como um -big misunderstanding. A modernidade artística representava uma aposta nos poderes -transformativos da arte; ou a crença de que através da invenção de novas formas artísticas, em oposição às formas de tradição, a arte atuaria politicamente em relação ao Revolution, intuindo uma -teologia de rupture.

"(...) A estátua da qual Winckelmann ou Schiller nos fala, era a figura de um deus, o elemento de um culto religioso e cívico, mas não é mais assim. Não mais exemplifica qualquer fé ou significa qualquer valor social. Ela não produz mais nenhuma correção de modos ou qualquer mobilização de corpos. Não é mais dirigida a qualquer público específico, mas ao público anônimo e indeterminado de frequentadores de museus e leitores de romances. É oferecido a eles, assim como uma Madona Florentina, uma cena de cabaré holandesa, um pequeno mendigo espanhol, uma fruteira ou uma banca de peixe (...)" (The Paradigms of Political Art, Jacques Rancière).

Repensar a modernidade estética consiste em tentar identificar um aspecto do tempo como uma forma de compartilhar o sensato, além das concepções simplistas de temporalidade. Trata-se de mostrar que existe um elemento essencial que constitui uma revolução estética, que consiste no fato de que não estamos mais construindo obras, mas formas de vida sensatas; que existe a idéia de uma comunidade sensata liberada de cálculos estratégicos. Assim, a política inspirada por este regime estético é uma política de indeterminação, de liberdade, que dá origem à idéia de uma política propriamente estética, de um comunismo estético no qual há uma comunicação direta entre as formas de arte e de vida.

A política estética não consiste mais em produzir obras, com mensagens específicas que provocam efeitos precisos, mas em construir um tecido de fundo sensível, comum, não determinado que, ao colocar distância, produz espaços de liberdade.

"(...) O problema então não consiste em politizar a arte como uma saída para o exterior ou como uma intervenção no "mundo real". Não existe um mundo real, que seria o exterior da arte. Há dobras e dobras do tecido sensível comum onde a política de estética e a estética da política se entrelaçam. O real em si não existe, existem apenas configurações do que é mostrado como nosso real, como objeto de nossas percepções, nossos pensamentos e nossas intervenções. O real é sempre objeto de uma ficção, ou seja, de uma construção do espaço onde o visível, o decifrável e o construível (...)"
(Os paradigmas da arte política, Jacques Rancière).

"(...) Uma arte crítica é uma arte que sabe que seu efeito político passa pela distância estética. Ele sabe que este efeito não pode ser garantido, que ele sempre envolve uma parte da indeterminação".
(The Paradigms of Political Art, Jacques Rancière)

Uma das contribuições mais significativas de Rancière para o pensamento estético atual é seu repensar a relação entre a estética e a história escrita da arte moderna. Uma parte importante de sua crítica se concentrou na denúncia das narrativas vencedoras elaboradas, por um lado, pela estética moderna idealista e pós-idealista, e, por outro, pela história da arte.

Os movimentos subseqüentes de inclusão pela arte crítica e relacional e pelos neo-estéticos do sublime são para Rancière nada mais do que formas de reparar essa posição enquanto a consolida.

-(...) Vou me transportar deliberadamente para a Europa do século XVIII. O teatro propôs lógicas de situações a serem reconhecidas a fim de encontrar um caminho no mundo e modelos de pensamento e ação a serem imitados ou evitados. Sem dúvida, não acreditamos mais na correção dos modos através do teatro. Entretanto, ainda acreditamos de bom grado que a representação em escultura de resina deste ou daquele ídolo publicitário nos ajudará a enfrentar o império mediático do espetáculo, ou que uma série fotográfica sobre a representação do colonizado pelo colonizador nos ajudará a frustrar as armadilhas da representação dominante das identidades hoje (...)|| (Os paradigmas da arte política, Jacques Rancière).

De acordo com Rancière, o desafio da estética hoje em dia é assumir tal descompasso e abordar tal autocompreensão dando voz, uma voz

voz filosófica e crítica, a outros fatos e outras visões que não tenham estado presentes nestas narrativas vitoriosas. Trata-se de discordar destas narrativas, que funcionam na forma de um -consensual vision||, articulando outras, as crônicas dos vencidos, as das artes segregadas, subestimadas, descartadas ou rejeitadas: design, artes decorativas, reportagens, variedade, etc.

Entre as expressões que desempenham um papel significativo nesta contra-história que Rancière empreende está o design. O pensamento estético e a história da arte frequentemente apresentam o design como um campo que tem sido alimentado e continua a ser alimentado pelas revoluções que, de acordo com estas disciplinas, ocorreram no campo da pintura ou escultura de cavalete. Para Jacques Rancière, por outro lado, o design desempenha um papel importante nas transformações do sensível, do estético e do artístico que ocorreu na transição do século XIX para o século XX.

(...) A dupla temporalidade da estátua grega, que hoje é arte nos museus, embora não estivesse nas cerimônias cívicas de outrora, define uma dupla relação de separação e não separação entre arte e vida. (...)|| (Os paradigmas da arte política, Jacques Rancière).

A narrativa estética da modernidade e do modernismo é orientada por um valor fundamental alheio à arte: a liberdade. Segundo Hegel, a história é a história da liberdade, o que implica que toda narrativa é uma narrativa de emancipação.

Rancière recupera uma perspectiva baseada na igualdade das margens da liberdade como um valor característico, tanto da estética idealista de Kant, Schiller e Hegel, quanto da visão modernista da arte de vanguarda. Pode-se pensar que operar desta forma é simplesmente substituir um valor por outro - liberdade por igualdade - o que não eliminaria o caráter axiológico da estética, mas Rancière tem o cuidado de não apresentar a igualdade como um propósito. Ele se limita a descrevê-la como uma realidade a ser reconhecida. O projeto de emancipação é, portanto, um projeto de reconhecimento, não de conquista.

Este ponto de vista leva o pensador francês a negar que existe uma ruptura pós-moderna: todas as supostas voltas contemporâneas são articuladas dentro do mesmo regime estético. Isto é enormemente relevante porque se trata de dizer que não há uma descontinuidade significativa entre a arte moderna e a arte contemporânea e pós-moderna, ao contrário de visões mais estabelecidas como a do Danto; mas também que não há diferença substancial entre a estética do momento idealista e a do momento contemporâneo. Isto obviamente só pode ser afirmado no que diz respeito à substância de tais momentos e

não a manifestações singulares. Rancière fala dos parâmetros de um paradigma, não das formas em que tal paradigma ou regime é moldado: uma dada -repartição do sensible|| pode se fazer sentir em discursos e imagens aparentemente diferentes (embora isto não deva ser entendido em termos de distinção entre realidade e aparência, ou entre conteúdo e forma).

A estética moderna se consolida não apenas como um sistema de conceitos que tornam inteligível o novo regime de sensibilidade e uma nova distribuição do sensível da Modernidade, ela também participa, ela se torna uma parte exclusiva ao transformar suas formulações, seus conceitos estéticos e princípios artísticos em ideais e valores. Com sua prescrição de liberdade artística como um valor irrevogável, ela determina todas as outras noções para ficar atrás desse valor e para ser imbuída dele. Além disso, de acordo com a análise de Rancière da estética como regime de identificação da arte, podemos afirmar que a conversão de conceitos em valores está relacionada ao próprio caráter daquele regime estético, é motivada por ele. Em outras palavras, a contradição básica do regime estético determina o caráter normativo e axiologicamente determinado da estética.

-(...) Consenso significa acordo entre significado e significado, ou seja, entre um modo de representação sensata e um regime de interpretação de seus sinais. Isso significa que, quaisquer que sejam nossas divergências de idéias e aspirações, percebemos as mesmas coisas e lhes damos o mesmo significado (...)|||(The paradigms of political art, Jacques Rancière).

Por outro lado, encontramos Favaretto, que descreve a modernidade artística como uma crença no valor simbólico e exemplar das ações, no poder do instante e do gesto, que, visto de longe, parece ingênuo, apesar de ser simpático e cheio de fervor.

Assim, Favaretto nos pergunta sobre a indeterminação e incerteza contemporânea, sua intransividade:

Para onde teriam ido aquelas apostas na arte como vida, que atravessaram o imaginário das artes sob tensão nas vanguardas, das atividades dadaístas e surrealistas aos projetos construtivistas - não sem problemas e antagonismos, aliás -?

Favaretto, em sua pesquisa para tentar compreender a arte contemporânea, conta com Agamben, para quem "o contemporâneo é o inoportuno" e que, através do anacronismo, é capaz de apreender com seu próprio tempo, fazendo-o ter uma relação singular com seu próprio tempo.

"Sabemos que depois das apostas sobre as possibilidades do novo e da ruptura da vanguarda, depois que a experimentação foi empurrada até seus limites, por exemplo, com conceitualismo e minimalismo nas artes visuais, a condição da arte - a problematização da idéia de arte, da idéia de criação, da figura social do artista no processo artístico em geral - é reflexiva; aí reside sua materialidade" (Favaretto). (Favaretto).

É neste cenário de intensa experimentação, no qual existe uma tensão constante entre processo e referência, que vemos o surgimento de novas condições para a produção artística: a arte contemporânea viveu uma relação intrínseca com a arte moderna, da qual extraiu os restos e vestígios das experiências deixadas por suas obras.

- A questão é sempre a mesma: como ser contemporâneo em nossa contemporaneidade (...)|| (Arte contemporânea: opacidade e indeterminação, Celso Favaretto).

Entretanto, a arte contemporânea não pode ser caracterizada apenas como arte produzida no período da contemporaneidade, mas sim como arte que pratica o ato de transgredir as fronteiras, que tendem sempre a se restabelecer, entre o que é admissível e o que não é, ou ainda não é, admissível, procurando superar a fronteira para torná-la perceptível e consciente. Isto acaba criando uma dinâmica entre as relações entre o artista transgressivo, o público ultrajado e a instituição, que se esforça para criar uma fronteira estendida. Isto é feito pelos artistas e pelo público, uma vez que o ideal de participação se mostra alterado, principalmente a partir das obras dos anos 60, fazendo com que seu imaginário mobilize ações com valor simbólico, exemplar, ou seja, a obra torna-se criada não só pelo artista, mas também por esta relação.

A arte contemporânea é o ato de transgredir a fronteira, que deve ser sempre restabelecida, entre o que é admissível no campo da arte e o que não é, ou ainda não é, admissível. Atravessar esta fronteira para torná-la perceptível e consciente é o que é próprio de uma arte que, com ou sem razão, confiscou a denominação de arte contemporânea (...)|| (Arte contemporânea: opacidade e indeterminação, Celso Favaretto).

Outro aspecto marcante das mudanças nas relações com o público é a importância dos textos e comentários que passam a fazer parte das obras porque, apesar da resistência dos artistas aos comentários, as obras contemporâneas exigem sua existência, já que as categorias para apreciá-las, julgá-las ou avaliá-las são intrínsecas às categorias que surgem do trabalho do artista e que, portanto, é necessário decifrá-las, explicá-las ou interpretá-las (Favaretto). A arte pós-moderna, portanto, não é feita apenas pelo artista, ela precisa da contribuição do espectador para se tornar completa, e portanto estabelece, através do público, um contato entre a obra e o mundo exterior.

-(...) O ato criativo não é realizado apenas pelo artista; o público estabelece o contrato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifra e interpreta suas qualidades intrínsecas e assim acrescenta sua contribuição ao ato criativo. (...)|| (Arte contemporânea: opacidade e indeterminação, Celso Favaretto).

Segundo Foucault, este modo de generalizar a arte torna possível reinventar tanto a política quanto a vida. E, como resultado, estes artistas destacam a distribuição do sensato que ocorreu. Neste sentido, "o mito da criação artística, a própria idéia de invenção foi substituída pela de trabalho, produção" (Favaretto).

Segundo Ranciere, esta apreciação moderna do trabalho vem do século XIX, período em que o valor negativo do trabalho começou a ser suspenso para afirmar seu valor positivo, de modo que a arte se tornou um símbolo do trabalho.

A política tem uma dimensão estética inerente, presente na configuração do sensato. Rancieri contribui para uma reconfiguração do sensato, que seria produzida com base no princípio de igualdade, no qual a comunidade e o comum são definidos. Assim, em uma reconfiguração, deve haver uma inserção destes novos sujeitos e objetos inéditos, dando visibilidade ao que até então não era visível, assim como a percepção de seres falantes, que anteriormente eram tomados como "animais barulhentos".

-(...) Se é verdade que a arte contemporânea é em grande parte determinada pelo caráter institucional do lugar onde ela aparece, então este tipo de apresentação, como um evento, se coloca como uma possibilidade de interferir de alguma forma na situação. (...)|| (Arte contemporâneo: opacidade e indeterminación, Celso Favaretto).

As pessoas são movidas por desejos e interesses (materiais, intelectuais, culturais, religiosos, artísticos, etc.). Quando elas mudam, toda a estrutura da sociedade também muda, pois a sociedade é o meio para alcançá-las. A modernidade não tem sido inofensiva e apolítica, e a pós-modernidade também não o será.

Vimos, então, que para Rancière, a estética é um regime ligado ao real, ao social e, portanto, ao político, encontrando neste elo sua relevância nos dias de hoje. Ao mesmo tempo, vemos que, segundo o filósofo, toda ordem social e política se baseia nos fundamentos de uma -aesthetics||, que ele chama de -distribuição do sensible||. Esta distribuição determina quem fala e quem fica calado, quem toma decisões e quem obedece, quem age e quem permanece passivo diante das ações dos outros. Ou seja, através desta distribuição do sensível, um mundo é construído, fixo, determinado, mas acima de tudo desigual. Daí a proposta de Rancière: diante desta divisão desigual que se transforma em um círculo vicioso, o filósofo francês propõe que saíamos deste círculo para avançarmos em uma espiral emancipatória que nada tem a ver com a confirmação de um mundo marcado pelo
- Cada um em seu lugar" é tão característico da desigualdade.

É uma questão de produzir outras aparências nesta distribuição do sensato, outros tempos, outros espaços, outros nomes; é precisamente nisto que consiste o ato de emancipação, e é aqui que a arte e a vida se cruzam.